

HUSSERL E A TRADIÇÃO FENOMENOLÓGICA¹

Husserl and the Phenomenological Tradition

Vanessa Furtado Fontana²

RESUMO

O objetivo desse artigo é fazer uma breve análise histórica da influência de alguns conceitos apresentados na fenomenologia de Husserl e como se desenvolveram na filosofia de seus herdeiros. Aborda-se os conceitos de intencionalidade, idealismo e a redução fenomenológica de Husserl e como esses conceitos foram trabalhados e criticados por alguns filósofos da tradição fenomenológica, em especial, Jean-Paul Sartre e Martin Heidegger. Usa-se ainda alguns filósofos reconhecidos na vertente fenomenológica para pensar os conceitos citados, entre eles destaca-se Gadamer e Patočka.

Palavras-chave: Fenomenologia. Intencionalidade. Idealismo. Redução Fenomenológica.

ABSTRACT

The objective of this article is to make a brief historical analysis of the influence of some concepts presented in Husserl's phenomenology and how they developed in the philosophy of his heirs. The concepts of intentionality, idealism and Husserl's phenomenological reduction are discussed and how these concepts were worked on and criticized by some philosophers of the phenomenological tradition, in particular Jean-Paul Sartre and Martin Heidegger. It also uses some philosophers recognized in the phenomenological aspect to think about the mentioned concepts, among them Gadamer and Patočka stand out.

Key-words: Idealism. Intencionality. Phenomenological Reduction. Phenomenology.

O filósofo e matemático Edmund Husserl é reverenciado como pai da fenomenologia, disciplina filosófica contemporânea que influenciou diretamente muitos filósofos. Tais como Heidegger, Sartre, Merleau-Ponty, Lévinas, Fink, Ingarden, Edith Stein e muitos outros. A filosofia desenvolvida por Husserl foi responsável por criar a escola fenomenológica, corrente de pensamento que teve como base as discussões e problemas surgidos a partir de sua obra. Como explica Sokolowski (2014, p. 224): “Por meio de

¹ <https://doi.org/10.51359/2357-9986.2023.260714>

² Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). E-mail: fontanessa@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9027-9671>.

seus ensinamentos e escritos, Husserl estimulou o crescimento de diversas áreas de conhecimento da fenomenologia durante toda sua vida”. Dos fenomenólogos ou herdeiros da fenomenologia fundada por Husserl destacam-se dois grupos, um grupo formado em Göttingen e outro em Munique (SOKOLOWSKI, 2014, P. 224). O primeiro grupo era formado por estudantes de Theodor Lipps, que entre outros nomes incluía Alexander Pfänder, Johannes Daubert, e Max Scheler, logo esse se tornou um centro independente de fenomenologia. O grupo de Munique formado por alguns membros de Göttingen como Daubert e Conrad incluía também Alexandre Koyré, Jean Héring, Roman Ingarden e Edith Stein. Esse grupo se interessou pela superação feita por Husserl do psicologismo e de sua restauração ao realismo na filosofia, contudo desaprovaram a virada transcendental em idealista da fenomenologia husserliana. (SOKOLOWSKI, 2014)

Não se pode deixar de mencionar a presença de Martin Heidegger como discípulo e herdeiro da fenomenologia de Husserl. Heidegger causou forte impressão na cena intelectual alemã, por seu gênio e logo começou a lecionar em Friburgo na mesma época que Husserl estava lá. (SOKOLOWSKI, 2014) A obra de Husserl que mais influenciou a filosofia de Heidegger foi as *Investigações Lógicas*, contudo apesar de reconhecer o talento do mestre, o discípulo já havia superado a fenomenologia e construído outra forma de pensar a filosofia resgatando a ontologia antiga e a reinventando. O relacionamento dos dois foi polêmico, por causa da conduta tomada por Heidegger na publicação de *Ser e tempo* e depois com o período pré-guerra.

“Se Husserl, naquela época antes da publicação de *Ser e tempo*, dizia que a ‘fenomenologia somos Heidegger e eu’ não há dúvida de que o discípulo concordou com isso em sua versão heideggeriana, uma versão que Husserl mais tarde rejeitou explicitamente” (RODRÍGUEZ, 2016, p. 13).

Certamente, a grande herança deixada por Husserl aos fenomenólogos, e à enorme tradição desenvolvida a partir de sua filosofia, foi o método fenomenológico e a noção de intencionalidade da consciência. Destacam-se três temas principais como fontes de inspiração e refutação da fenomenologia husserliana: 1) A intencionalidade da consciência, ou seja, a nova concepção de subjetividade introduzida pelo seu pensamento; 2) o idealismo

fenomenológico e 3) A redução fenomenológica (*epoché*), conceito chave para pensar o método fenomenológico

O tema mais importante da fenomenologia de Husserl e que inspirou muitos filósofos contemporâneos é a intencionalidade. Como afirma Patocka: “A concepção husserliana de intencionalidade iria desempenhar um papel imensamente significativo tanto em sua fenomenologia quanto no pensamento inteiro de uma geração de filósofos que o seguiram.” (1996, p. 67) A intencionalidade da consciência é o tema que supera até mesmo a própria definição dada por Husserl à fenomenologia como ciência da consciência pura, ou, ciência de essências, como ele define na introdução das *Ideias I* de 1913. A fenomenologia entendida por Husserl como ciências dos fenômenos é aceita por muitos de seus seguidores, contudo há grande divergência sobre o que é o fenômeno estudado pela fenomenologia. Neste ponto, os fenomenólogos herdeiros discordam de Husserl, pois ele entendia a fenomenologia como estudo dos fenômenos irrealis (das essências), ou seja, ao aplicar o método da redução, que coloca em suspenso os fenômenos reais do ‘mundo efetivo’, a fenomenologia husserliana opta por uma explicação idealista da relação entre subjetividade e mundo.

A fenomenologia também rendeu herdeiros na França entre eles destacam-se Lévinas, Merleau-Ponty e Sartre. Este último passou dois anos na Alemanha e certamente pode ser considerado um fenomenólogo. Como explica Sokolowski: “Seus primeiros trabalhos mostram a forte influência de Husserl, mas transformada num humanismo existencialista. De fato, muitos dos primeiros trabalhos de Sartre são excelentes análises fenomenológicas que desenvolveram temas importantes em Husserl” (2014, p. 231) Não se trata simplesmente de seguir a fenomenologia cegamente, Sartre, assim como todos os fenomenólogos herdeiros, viram na fenomenologia um modelo filosófico renovador que permite ao pensamento contemporâneo avançar apesar da ruptura crítica feita pela filosofia de Nietzsche. Logo, Sartre é fenomenólogo ao seu modo, assim como fica claro na sua obra de maior fôlego intelectual, a saber, *O ser e o nada: ensaio de ontologia fenomenológica*. Obra construída de um diálogo crítico entre Hegel, Husserl e Heidegger. Desde seu primeiro escrito *A transcendência do ego: esboço de uma descrição fenomenológica* tem-se como ponto de partida a fenomenologia de Hus-

serl, sobre a qual diz Sartre (1987, p. 97) se referindo às *Ideias I*, que esta obra revoluciona tanto a Filosofia quanto a Psicologia.

A intencionalidade não é tema novo na história da filosofia, ela aparece primeiramente com referência à atividade prática, como pode ser utilizada até hoje a palavra intenção para designar uma atividade prática referida ao objeto. Foi o neoplatonismo árabe, com Avicena, que estendeu o conceito à relação entre conhecimento e objeto. Depois Alberto Magno reproduziu esse conceito de Avicena e influenciou os filósofos medievais, entre eles Tomás de Aquino que considerava a intenção como: “a semelhança da coisa pensada” (ABBAGNANO).

Foi só no século XIX que Brentano redescobriu a intencionalidade e tornou-a característica dos fenômenos psíquicos na obra *Psicologia* sob um ponto de vista empírico, publicada em 1874. Husserl foi influenciado por Brentano, que assistiu a suas aulas em Viena e o colocou no caminho da descoberta da fenomenologia. O trabalho de Husserl entre 1880 até 1900 expressam seu interesse pela matemática e lógica. Com a publicação das *Investigações Lógicas* em 1900, Husserl inicia seu caminho de construção da fenomenologia, com influência da psicologia descritiva de Brentano (conceito de intencionalidade), mas já distante da psicologia e da interpretação psicologista da lógica. Como ele mesmo diz no prefácio à segunda edição das *Investigações Lógicas*: “As *Investigações Lógicas* foram, para mim, uma obra de ruptura e, por isso, não um fim, mas um começo” (HUSSERL, 2014, p. XV)

O conceito de intencionalidade para Husserl deve ser entendido como a ideia de que todos os atos da consciência são intencionais, ou seja, que a consciência é sempre consciência de algo ou de outrem. Todo ato remete necessariamente ao seu correlato correspondente. Deve-se, conforme crítica de Husserl expressa na introdução da quinta Investigação, substituir ato por vivência intencional. Assim, os atos e correlatos, ou as intenções e conteúdos, ou melhor, ‘preenchimento correspondente’ (HUSSERL, 2007, p. 414) à consciência (e não na consciência), são definidas como “vivências intencionais” e também como “vivências do significar” (HUSSERL, 2007, p. 374) Para distinguir os atos dos correlatos da consciência, Husserl chama de vivências noéticas (vivências do polo da subjetividade) e vivências noe-

máticas (vivências do polo da objetividade). Conforme a explicação do próprio Husserl no prefácio à segunda edição das LU: “...a diferença e paralelismo entre o noético e o noemático (diferença e paralelismo de cujo papel fundamental em todos os domínios da consciência só as *Ideias* dão conta)” (HUSSERL, 2007, p. XVIII)

Na obra *Investigações Lógicas* de 1900 o conceito de intencionalidade não foi plenamente desenvolvido, pois Husserl nega, ao menos na primeira edição, a unidade das vivências intencionais e seus conteúdos numa subjetividade que ele chama de *eu puro*. Essa refutação do *Eu puro* está na quinta Investigação, sobre ela Husserl diz no prefácio à segunda edição escrito em 1913: “não aprovo mais a contestação do Eu puro” (HUSERL, 2014, p. XIX) Paul Ricoeur na introdução à tradução francesa das *Ideias I* diz: “A V^a e a VI^a investigações, em seu primeiro estado, dão somente uma psicologia descritiva da intencionalidade e do ‘preenchimento’ das intenções vazias pelo pleno da intuição ou evidência” (p. XXXIII).

A intencionalidade nas *Investigações lógicas* se restringe à intencionalidade noética, ou seja, aos atos intencionais da consciência, ou vivências intencionais do voltar-se para. A intencionalidade explicitada ali tem uma proposta totalmente diferente da psicologia descritiva tradicional (Brentano) e do psicologismo refutados nos *Prolegômenos*. Conforme recorda Alves (2007, p. 13) na apresentação da tradução portuguesa, Husserl pretende criar uma psicologia que ultrapasse a psicologia empírica e para isso vai além desta ao dar vida à uma psicologia eidética e descritiva. Husserl alcança o âmbito filosófico ao estabelecer uma ciência eidética. Apesar da confusão do nome dessa ciência, a fenomenologia, ou seja, apesar de ser nominada por Husserl de psicologia descritiva na primeira versão das LU, o propósito é claramente filosófico como explica Alves:

Esta Psicologia de novo cunho, este estudo da consciência, não seria mais uma doutrina psicofísica, ou seja, uma teoria da consciência como objeto natural, mas antes um estudo da consciência de objeto, ou seja, da intencionalidade, nas suas estruturas de sentido; em segundo lugar, ela também não seria mais uma ciência empírica, mas antes uma teoria dos tipos essências puros da consciência objetiva enquanto tal, ou seja, uma doutrina das leis puras de essências, uma ‘ciência eidética’, como Husserl nos habituará a dizer (ALVES, 2007, p. 13-14).

O uso do termo *Phänomenologie* presente na primeira versão das LU ainda não tinha a característica transcendental adquirida depois da como explica Alves (2007, p. 14): “Desde 1904, aliás, que Husserl cairá na conta de que a Fenomenologia não era Psicologia descritiva”. Apesar do uso do termo Husserl ainda estava relutante em afirmar o caráter transcendental e filosófico de sua teoria. Na sua busca por libertar a lógica do psicologismo e ao discutir sobre a origem (*Ursprung*) dos conceitos e presentificações de essência não podem ser compreendidas a fundo através da psicologia, esta tem um papel relevante, mas claramente não primordial no processo de descoberta da significação das vivências da consciência. Destaca-se a citação do § 67 dos Prolegômenos na qual aparece a correção do termo *lógica* da primeira versão de 1900 para *fenomenológica* da segunda versão de 1913. Sobre a importância da lógica pura:

Não é disto que se trata, mas da origem *lógica* [fenomenológica] [...] trata-se da intelecção da essência dos conceitos correspondentes e, no aspecto metodológico, da fixação para as palavras de significados unívocos, claramente diferenciados. Este objetivo só pode ser alcançado por meio de uma presentificação [intuitiva] da essência [na ideação adequada][...] (HUSSERL, 2014, p. 182)³

A preocupação terminológica não apaga a grandeza da intenção husserliana em fundamentar a lógica pura em premissas universais assim como ele escreve na introdução às *Investigações Lógicas* de 1901⁴. Diz: “[...] [a fenomenologia]⁵ dá acesso às ‘fontes’ de onde ‘brotam’ os conceitos fundamentais e as leis ideias da Lógica pura [...]” (HUSSERL, 2007, p. 27). A pretensão de Husserl sempre foi construir uma ciência fundante como base ou raiz para todas as ciências empíricas ou ciências dos fatos, termo que aparece nas *Ideias I* de 1913. O caminho desta construção é árduo, pois estabelecer uma filosofia fundacional com base na consciência sem recorrer ao

³ No original a citação está em A 245 enquanto a tradução portuguesa refere 246. “Um diese Frage handelt es sich nicht; sondern um den ‘**phänomenologischen**’ [logischen] Ursprung [...]es handelt sich um Einsicht in das Wesen der bezüglichen Begriffe und in methodologischer Hinsicht um Fixierung eindeutiger, scharf unterschiedener Wortbedeutungen. Zu diesem Ziele können wir nur durch intuitivell Vergegenwärtigung des Wesens hin adäquater Ideation [...] (HUSSERL, 1975, P. 246, grifo nosso)

⁴ Conforme explicação de Pedro M. S. Alves a obra *Logische Untersuchungen* (Investigações Lógicas) foram publicadas em duas partes, nos anos de 1900 e 1901. (ALVES, 2007, p. 11)

⁵ Na primeira versão de 1901 a palavra citada é ‘ela’.

dualismo sujeito-objeto tradicional da modernidade e ao mesmo tempo apontar às origens do pensar, ou melhor, às significações das vivências intencionais sem recorrer ao psicologismo e usando uma lógica pura, foi todo o percurso filosófico de anos de dedicação ao tema da fenomenologia. A dimensão total da consciência intencional como noese e noema, não se faz ver nas LU, como diz Husserl no prefácio à segunda edição de 1913:

Mencione-se como uma insuficiência dessa investigação, que somente na conclusão do volume se poderá compreender e corrigir o fato de nele não estar ainda considerada a diferença e o paralelismo entre ‘noético’ e ‘noemático’ (diferença e paralelismo de cujo papel fundamental em todos os domínios da consciência só as Ideias dão conta, mas que já irrompia em muitas formulações isoladas nas investigações finas da obra antiga). Por isso, também pouco resulta claro o essencial duplo sentido da ‘significação’ como ideia. O conceito noético de significação é unilateralmente acentuado, ao passo que, em muitas passagens importantes, é tomado em consideração preferencialmente o conceito noemático de significação (HUSSERL, 2014, p. XVIII).

A característica principal da intencionalidade da consciência é ir além de uma concepção moderna de relação sujeito-objeto, por isso não se trata simplesmente de ter consciência de algo ou alguém como um externo referido ao interno da consciência. A intencionalidade fenomenológica husserliana aponta uma via de mão dupla, uma aproximação das coisas mesmas, um entrelaçar entre consciência e mundo, de tal forma que não é possível pensar uma sem a outra. Esta referência à intencionalidade como relacional, e mais do que isso, como desarticuladora das dicotomias, sujeito-objeto e interno-externo, inicia nas LU, mas certamente se estabelece nas obras seguintes, por causa do acréscimo do idealismo transcendental. Somente com esse avanço é possível compreender a interpretação feita por Manuel Vasquéz ao definir a fenomenologia na apresentação da tradução espanhola da obra de Levinas, Descobrindo a existência com Husserl e Heidegger. Vazquéz diz:

Justamente por isso é uma filosofia da liberdade que não concebe o sujeito nem isolado nem separado de tudo que o permite ser como tal. Ao contrário, tudo acontece reconhecendo sua constante exposição às interações, dependências e relações que colocam em primeiro plano a no-

ção de intencionalidade: o pensamento não acessa sua exterioridade, ele já está sempre nela (VAZQUÉZ, 1967, p. 14).

Entre as *Investigações Lógicas* de 1900 e as *Ideias I* de 1913 está o curso *A ideia da fenomenologia (Cinco lições)* de 1907, escrito responsável pela virada transcendental da fenomenologia denominada a partir daí como idealismo transcendental. Este escrito mostra uma clara ideia da redução fenomenológica e a constituição dos objetos na consciência. Segundo relato de Biemel na introdução das Cinco Lições:

A ressonância do título da principal obra kantiana não é acaso nenhum. Husserl, nesta época, ocupou-se detidamente de Kant; desta ocupação veio-lhe a ideia da fenomenologia como filosofia transcendental, como idealismo transcendental, e a ideia da redução fenomenológica (BIEMEL. In HUSSERL, *A ideia da fenomenologia*, p. 12).

O conceito de intencionalidade como característica da consciência pura ou do *Eu puro* se concretiza como conceito fundamental da fenomenologia graças à passagem de uma intencionalidade da psicologia descritiva à intencionalidade da fenomenologia transcendental, propriamente filosófica. Nas palavras de Husserl escritas em setembro de 1907 está explicada a mudança de posição:

As *Investigações Lógicas* fazem passar a fenomenologia por psicologia descritiva (embora fosse nelas determinante o interesse teórico-cognoscitivo). Importa, porém, distinguir esta psicologia descritiva, e, claro, entendida como fenomenologia empírica da fenomenologia transcendental...” (manuscrito B II 1. *A ideia da fenomenologia*. p. 13).

Contudo, ainda sobre a obra *A ideia da fenomenologia*, o filósofo e herdeiro da fenomenologia Gadamer revela em passagem resumida, mas pontual e profunda, algumas características imprescindíveis para a interpretação do conceito de intencionalidade. A questão colocada por Gadamer chama atenção, pois se segue a partir da discussão da destruição do conceito tradicional de consciência feita por Nietzsche, diz: “...Nietzsche arranca do eu uma máscara depois da outra, até que ao final não permanece nenhuma máscara, mas tão pouco nenhum eu.” (GADAMER, 2016, p. 39). A argumentação de Gadamer quer mostrar como pensar a subjetividade depois des-

sa destruição como a Fenomenologia surge como uma nova face, mas não para colocar uma nova máscara no sujeito, mas para reconstruir a possibilidade mesma da filosofia.

Gadamer ao citar a obra *A ideia da fenomenologia* de Husserl, destaca o conceito de correlação entre fenômeno e consciência de fenômeno, ou seja, a intencionalidade é anterior e mais fundante que o conceito de subjetividade. Segundo explica:

Portanto, desde o começo não partiu do pensamento de um sujeito que, como existindo por si mesmo, escolhe os objetos que aparecem, mas ao contrário, ele estudou as atitudes da consciência correlativas aos objetos fenomênicos do mentalizado, os atos intencionais, como os chama. (GADAMER, 2016, p. 40)

Fundamenta Gadamer a intencionalidade como correlação, e, portanto a consciência é parte do processo e não o foco do processo de conhecimento⁶, ou melhor, parte do processo de fundação e compreensão relacional do mundo e do humano. Tal interpretação se dá para Gadamer desde o início da Fenomenologia, desde 1907, como dito no texto, mas mesmo antes como já se mostrou é possível ver esse avanço e a diferença com a disputa sujeito-objeto da modernidade, tema pelo qual é acusado o pensamento husserliano, principalmente por Heidegger⁷.

Há ainda um importante avanço ao tema da intencionalidade na fenomenologia de Husserl, acréscimo que faz toda diferença em reputá-lo como filósofo contemporâneo inovador, Gadamer bem menciona em seu livro, trata-se da “intencionalidade de horizontes” (GADAMER, 2016, p. 40), ou seja, a fenomenologia não é ciência da descrição das vivências apenas do atual, mas há sempre um halo de fundo, um inatual esperando ser intencionado, e mais do que isso, tal horizonte implica na infinitude de vivências possíveis ao fazer fenomenológico, o que garante não só seu caráter de universalidade, mas seu *status* de Filosofia fundante. Ora, e não é isso que Hei-

⁶ A fenomenologia é muito mais que teoria do conhecimento, e, portanto, fazendo parecer Husserl um filósofo moderno como querem fazer parecer alguns comentadores, entre eles cita-se Carlos Alberto Ribeiro de Moura.

⁷ Ver-se-á a crítica direta feita por Heidegger ao mestre Husserl, tanto em textos menores como em *Ser e Tempo*, porém esmiuçar essas críticas não é propósito aqui pertinente, pois demandaria um texto específico sobre o tema.

degger elogia em Ser e tempo ao afirmar a fenomenologia como compreensão da possibilidade? Diz:

As investigações que se seguem tornaram-se possíveis apenas sobre o solo estabelecido por Edmund Husserl, cujas *Investigações Lógicas* fizeram nascer a fenomenologia. As explicitações do conceito preliminar de fenomenologia demonstraram que o que ela possui de essencial não é ser uma “corrente” filosófica *real*. Mais elevada do que a realidade está a *possibilidade*. A compreensão da fenomenologia depende unicamente de se apreendê-la como possibilidade (HEIDEGGER, 2020, p. 78. Grifos do autor).

Talvez a palavra “unicamente” citada por Heidegger para definir a fenomenologia como unicamente possibilidade, seja uma crítica ao idealismo transcendental da fenomenologia husserliana de textos posteriores⁸, não que não haja idealismo nas Investigações, como quer simplificar Heidegger, mas certamente os grifos das palavras, real e possibilidade indicam a crítica heideggeriana ao limite do pensamento de Husserl, limite esse restrito ao âmbito da subjetividade moderna, no qual real é o que estaria fora da consciência e possível o que estaria na imanência da mesma. Contudo, apesar da crítica velada, desvela-se o primordial segredo da fenomenologia fundada por Husserl, e Heidegger sabe muito bem da transformação que tal ideia causa ao pensar filosófico contemporâneo.

Nas *Ideias I* de 1913 concentram as principais teses da fenomenologia e a teoria das reduções fenomenológicas bem detalhadas. A intencionalidade é descrita como característica da consciência, que justifica todo fluxo de vivência como fluxo e unidade da consciência. Um acréscimo importante nas *Ideias I* é que a intencionalidade das vivências necessita de um olhar de atenção atual, o que Husserl explica com as expressões: “ter de lidar atual com o objeto correlato” ou “esse estar atualmente direcionado para ele” (HUSSERL, 2006, §84, p. 190) Isso implica que apesar de todas as vivências participarem da intencionalidade, nem toda vivência encontra essa mudança do eu, o que isso significa? Que a intencionalidade depende de um

⁸ Contudo, desde o início de seu percurso intelectual, Husserl sempre eleva o caráter de idealidade do pensamento filosófico e mesmo antes em suas inquirições matemáticas. As *Investigações Lógicas* não são diferentes da proposta que virá em 1907 e 1913 em diante. Trata-se apenas de entender o que significa idealidade, possibilidade e essência no projeto husserliano, tema que será abordado em outro momento.

olhar de atenção atual da consciência e que nem todas as vivências estão no olhar atual do eu, mas essas vivências permanecem no fundo como campo potencial da atenção, que Husserl chama de “campo potencial de percepção” (HUSSERL, 2006, p. 191).

Essa teoria do olhar atual e inatual da consciência, do horizonte de intencionalidades, é consequência do tempo fenomenológico, ou seja, o tempo inerente de todas as vivências com seus modos de doação do agora, do antes, e do depois. Isso significa que nem toda vivência está no modo de atenção intencional, mas que toda vivência permanece no fluxo temporal da consciência. Husserl condiciona a intencionalidade à temporalidade da consciência no presente, que é a característica temporal da consciência perceptiva. Os outros modos da consciência noética, a fantasia e a memória, são vivências que se apresentam na consciência, ou seja, saem do fundo temporal do antes e de depois para se atualizar na presença do olhar atual do eu. Husserl chama de *presentificações* essas vivências noéticas que se movem do fundo potencial ao olhar atual da consciência. Como exemplo, fantasiar um centauro tocando flauta que está ali sempre como possível vivência intencional, só é descrito fenomenologicamente se tornado presente (atual) à consciência pura. Contudo, apesar de Husserl enfatizar a percepção como consciência privilegiada na tarefa de atualização das vivências intencionais, sem a atuação da fantasia como consciência que amplia o acesso ao horizonte infinito de conhecimentos de essência, a fenomenologia como ciência descritiva das essências das vivências noéticas e noemáticas seria prejudicada.

Do tema da intencionalidade passa-se ao tema do idealismo fenomenológico, tema que incomodou os herdeiros da fenomenologia e foi alvo de críticas severas, principalmente daquele que era considerado por Husserl seu principal discípulo, Heidegger. Concorde-se que assim como Sartre, Merleau-Ponty e outros, a intencionalidade teve uma influência positiva na filosofia de Heidegger. O problema da subjetividade moderna, problema do solipsismo da consciência, foi dissolvido e superado por Husserl, com o conceito de intencionalidade da consciência. Contudo, a grande influência de Husserl na filosofia de Heidegger está nas *Investigações Lógicas* de 1900. O conceito de Re-presentação (REPRÄSENTATION) categorial ex-

posto na sexta investigação foi decisivo para a elaboração da questão do ser na filosofia de Heidegger.

Em 1963 Heidegger escreve um pequeno texto autobiográfico chamado *Meu caminho para a Fenomenologia*. Nele descreve sua trajetória intelectual marcada por leituras de Brentano sobre a filosofia de Aristóteles e as *Investigações Lógicas* de Husserl. Heidegger considera a obra *Investigações Lógicas* o texto mais importante da carreira de Husserl. Com a publicação das *Ideias I*, e a opção de fazer da fenomenologia uma filosofia transcendental e um idealismo conforme a crítica de Heidegger: “Ambos os títulos, ‘subjetividade’ e ‘transcendental’, indicam que a fenomenologia se encaminhava, consciente e decididamente, na esteira da tradição da filosofia moderna”. (HEIDEGGER, 1979, p. 298) Com a publicação de *Ser e tempo* de Heidegger em 1927 fica claro o distanciamento com a fenomenologia de Husserl, o qual se sente traído pelo discípulo que tinha acesso aos seus manuscritos inéditos sobre o tempo, um acréscimo às *Lições do tempo* escrito entre 1905-1910 (manuscritos da parte B), e os manuscritos sobre o Tempo de Bernau escritos entre 1910-1917. Husserl confiou a publicação dos manuscritos sobre o tempo à Heidegger em 1926, o que não foi realizado pelo discípulo, que se dedicou a escrita e publicação de sua obra *Ser e tempo*. Polêmicas a parte, Heidegger considera a fenomenologia transcendental de Husserl uma recaída ao sujeito moderno (solipsista), e Husserl ao ler *Ser e tempo* considera a obra um antropologismo, conforme anotações feitas na sua edição pessoal da obra. O *Dasein* não passaria de um conceito limitado do humano, no qual a subjetividade é pensada através de um relativismo específico. Husserl faz a crítica ao antropologismo nos *Prolegômenos*, mais especificamente no §36 no qual explica a definição de relativismo específico como antropologismo:

O relativismo específico estabelece a afirmação: é verdadeiro, para qualquer espécie de seres que julgam, aquilo que tem de valer como verdadeiro segundo a sua constituição, segundo as leis do seu pensar. Tal doutrina é um contrassenso. Porque reside no seu sentido que o mesmo conteúdo do juízo pode ser verdadeiro para um sujeito, a saber, para um sujeito da espécie homo, e falso para um outro... (HUSSERL, 2014, p. 87-88)

O *Dasein* pode ser traduzido por *ser-o-aí* (o ser no mundo) e não passaria, para Husserl, de um tipo de sujeito pautado num relativismo da verdade lógica, que no fundo é um relativismo em relação ao mundo. No limite, Husserl considera o antropologismo uma doutrina cética que tem por base o limite do conhecimento humano e por consequência recai na crítica mais geral ao psicologismo, que é a teoria criticada por Husserl que pretende validar as leis lógicas do pensar em bases psicológicas e factuais. Dito isso, deve-se ter em mente que o idealismo de Husserl vem de muito antes das *Ideias I* de 1913, e que nas *Investigações Lógicas* de 1900, o idealismo em construção aparece como fundamento da lógica husserliana através da idealidade das leis lógicas fundantes das vivências intencionais da consciência. O que isso quer dizer? Husserl constrói a sua filosofia (futuramente denominada fenomenologia) sob o conceito de *unidade ideal de significação*, ou como ele diz: “...unter Bedeutungen ideale Einheiten zu verstehen.” (HUSSERL, 1984, p. 97), ou seja, entender a significação como unidades ideais.

Portanto, a teoria da lógica de Husserl é a teoria do sentido (significação). O conceito de unidade ideal de significação é o mesmo que essência (eidos) como aparece nas *Ideias I*. O idealismo fenomenológico reforçado em vários textos de Husserl vem da herança das pesquisas matemáticas e lógicas, que se desenvolveram com o estudo da psicologia, mas que ganharam força com a leitura do idealismo kantiano. O idealismo formal de Kant também recai no psicologismo, ou seja, pertence a esfera da teoria do conhecimento psicologista, embora Husserl admita que em alguns aspectos a filosofia kantiana tenta superar o psicologismo das forças anímicas. (HUSSERL, 2014, p. 70)

O idealismo fenomenológico, estudado mais a fundo, e retirado das garras críticas dos fenomenólogos herdeiros (Sartre, Merleau-Ponty e Heidegger) é muito mais profundo e sofisticado se comparado ao idealismo de Kant. A dicotomia sujeito-objeto é superada através da intencionalidade da consciência. O *Eu puro* não é sinônimo de subjetividade aos moldes modernos, como faz pensar a crítica heideggeriana seguida por Sartre e Merleau-Ponty, o *Eu puro* é o horizonte de fundação do sentido de todas as vivências. Por isso, o idealismo fenomenológico não é um simples subjetivismo, mas

uma ciência da descrição do sentido da relação subjetividade-objetividade. Não existe eu na fenomenologia de Husserl, existe a relação intencional, existe a fundamentação ideal do sentido dessa relação. Como ele mesmo disse:

A maravilha das maravilhas é o eu puro e a pura consciência: e precisamente esta maravilha desaparece, desde que a luz da fenomenologia caia sobre ela e a submeta à análise da essência. A maravilha desaparece se metamorfoseando numa ciência inteira implicando uma profusão de problemas científicos difíceis (HUSSERL, Ideias III, 1993, § 12).

O que importa para Husserl é o sentido da consciência-mundo, e não propriamente o aparecimento factual da existência, o fenômeno real pode mudar, mas o fenômeno irreal (a essência ou o sentido da vivência intencional) não muda. É sobre a fundamentação de uma ciência capaz de fundar outras ciências que se trata a fenomenologia husserliana. Encontram-se nas diferenças de compreensão da fenomenologia e de sua tarefa fundamental, as discrepâncias entre os herdeiros da tradição fenomenológica.

A filosofia de Sartre, outro grande herdeiro da fenomenologia husserliana, também destaca a importância da intencionalidade da consciência para pensar uma nova concepção de subjetividade, contudo, acredita na crítica heideggeriana de que o *Eu puro* permanece num subjetivismo moderno. Sartre no texto *A imaginação* destaca a importância do conceito de intencionalidade na renovação do conceito de imagem, e mesmo de imaginação, e como esse conceito modificou as limitadas concepções psicológicas da imagem. A importância da intencionalidade é também enfatizada na obra *O ser e o nada*, na qual, consta já na introdução, mais especificamente no subtítulo ‘V a prova ontológica’, que ao transcender a si mesma para alcançar o mundo, subjetividade ‘pura’ se esvaneceria. O *Eu puro* de Husserl não pode ser pensado fora da relação intencional, nas palavras de Sartre: “[...] não existe ser para a consciência fora dessa necessidade precisa de ser intuição reveladora de alguma coisa...” (SARTRE, 2015, p. 34) O que Sartre quer dizer é que a consciência husserliana não consegue transcender a si mesma, a consciência está presa na sua imanência. A explicação critica

para essa limitação do *Eu puro* husserliano seria a adoção do idealismo como base fundante da consciência.

O idealismo defendido por Husserl passa a ser alvo de crítica também de Sartre. Como ele diz em algumas passagens de *O ser e o Nada*:

jamais o objetivo sairá do subjetivo, nem o transcendente da imanência, nem o ser do não ser. Mas, dir-se-á, Husserl define precisamente a consciência como transcendência. De fato: é sua tese, sua descoberta essencial. Mas a partir do momento em que faz do noema um irreal, correlato à noese, e cujo esse é um percipi, mostra-se totalmente infiel a seu princípio. (SARTRE, 2015, p. 34)

O caráter irreal da vivência intencional, o fato de Husserl defender que a fenomenologia deve descrever os fenômenos irrealis, ou seja, as essências enquanto unidade de sentido nos fenômenos reais, isto é, a essência nos fatos, faz com que haja uma forte negação do idealismo defendido por Husserl. A interpretação corrente prefere ignorar a redução fenomenológica como auxiliar para a construção da fenomenologia como objetivo principal da filosofia husserliana. A tradição crítica da fenomenologia de Husserl pautou-se no aparente distanciamento entre consciência e mundo, entre essência e fato, entre fenômeno real e fenômeno irreal, causado pela aplicação da redução fenomenológica como acesso ao âmbito transcendental de sentido. Há alguns mal entendidos interpretativos consagrados na história da filosofia contemporânea que tentam situar Husserl como filósofo que negou o mundo, filósofo da subjetividade moderna, filósofo da consciência ainda em estado solipsista. Os críticos parecem esquecer algumas teses importantes defendidas por Husserl, como o lema tão conhecido da fenomenologia: “Ir às coisas mesmas”, que significa justamente a aproximação com o mundo, ou seja, que a essência nada mais é que o sentido da coisa, do mundo, do objeto, do fenômeno presente no próprio fenômeno.

Husserl não nega o mundo, não se afasta do mundo ao anunciar o método fenomenológico da redução ou *epoché*, a redução já aparece nas *Investigações Lógicas*, como redução eidética, ou seja, ali Husserl já teriam se afastado do mundo? Não é essa a indicação feita por Heidegger ao elogiar a obra de 1900, mesmo Sartre não fala das *Investigações Lógicas*, mas concentra sua crítica em obras como as *Ideias I* (1913), *Meditações Cartesianas*

(1929) e *Logica Formal e transcendental* (1929). Husserl já apresenta as *Investigações Lógicas* fundada na idealidade da *significação* das vivências intencionais. O idealismo fenomenológico e a redução fenomenológica não foram uma mudança brusca da filosofia husserliana, mas um desenvolvimento coerente de seu pensamento. É claro que Husserl não teve a genialidade de criar palavras novas para apresentar melhor seu pensamento, mas isso não quer dizer que suas concepções devam ser diminuídas pelo uso de termos clássicos, mas antes que esse uso é totalmente diferente da tradição, o que Husserl reivindica ao dizer que a fenomenologia é sem pressupostos. (Husserliana III, § 18) Evidentemente, a questão não é somente terminológica, apesar do núcleo do idealismo fenomenológico estar orientado para a questão semântica, pois a essência que a fenomenologia pretende descrever é o sentido (*Sinn*) presente em todo e qualquer aparecimento. A fenomenologia se construiu sobre um conjunto complexo de conceitos e noções que permitiram o desenvolvimento da filosofia contemporânea, representado por um grande número de filósofos influenciados por seu modo de filosofar.

A proposta de aprofundamento do método da redução fenomenológica a partir das *Ideias I* de 1913 abrange não apenas elaborar um método facilitador da entrada na fenomenologia, mas deixar claro o que a filosofia de Husserl propõe de original. “[...] a motivação para a realização dessa redução pode muito bem estar intimamente ligada aos motivos para filosofar, isto é, à sua ideia de filosofia.” (BERNET; KERN; MARBACH, 1993, p. 62) Concorde-se com Bernet; Kern; Marbach sobre a redução ser a abertura ao novo domínio da pesquisa fenomenológica ela “[...] assegura que este domínio seja puro, uma doação não misturada.” (1993, p. 59) Contudo, esse domínio puro de doação de sentido do mundo, não pode simplesmente ser interpretado como idealismo no sentido clássico ou mesmo kantiano, como já alerta Gadamer ao dizer: “Husserl excede com acentuada radicalidade e universalidade a solução kantiana da oposição entre realismo e idealismo de tal forma que simplesmente já não tem sentido falar, como sempre acontece, de elementos realistas em seu idealismo.” (2016, p. 67) Uma ressalva deve ser incluída nesse ponto, entende-se ser o idealismo fenomenológico husserliano uma superação dessa dicotomia moderna entre real e ideal.

Como a fenomenologia tem por mote a aproximação com as coisas mesmas, ou seja, como o fenômeno nele mesmo, isto direciona não só a sustentar a verdade de que só existe o fenômeno, mas que para haver fenômeno é preciso uma intencionalidade necessária entre consciência e mundo. Esta superação da dicotomia realismo e idealismo é intensificada com a redução fenomenológica. “A redução fenomenológica é algo inteiramente diferente. Seu objetivo não é retornar propriamente à unidade de um princípio, mas, ao contrário, abrir sem prejuízo todos os reinos dos fenômenos que se auto doam.” (GADAMER, 2016, p. 66) A redução eidética nas *Investigações Lógicas* é a indicação da diferença entre uma “nova disciplina eidética” (Patočka, 1997, p. 87) e o conhecimento empírico, tanto real objetivo quanto psicológico. A separação do fenômeno ou vivências intencionais em *Wesen* (essência e sentido) e real (fenômeno objetivo), ainda não exige como necessária uma suspensão do juízo, um colocar entre parênteses o mundo do fenômeno real e objetivo.

Já em 1907 no texto *A ideia da fenomenologia*, como bem aponta Patočka (1997), a redução fenomenológica se apresenta através de três estágios. O problema do real e do ideal passa por uma relação entre transcendente (fenômeno real), transcendência (constituição do fenômeno como vivência) e imanência (ato intencional). Nessas divisões a consciência é a imanência entendida como uma produtora e captadora de essências, e, de outro lado, a transcendência, são os fenômenos reais que se constituem à consciência. O mundo não se constitui na consciência, a consciência não engole o mundo, mas antes se relaciona com o mundo. Husserl explica no § 49 de *Ideias I* “[...] que a consciência considerada em sua ‘pureza’, tem de valer como uma relação do ser absoluto, no qual nada pode penetrar e do qual nada pode escapulir [...]”.⁹ (HUSSERL, 1976, p. 105) Entende-se a ampliação do conceito de consciência e mesmo a dissolução do eu moderno, dissolução possível de acessada através da redução. Sequem as divisões dos estágios da redução fenomenológica descritas por Patočka.

⁹ “[...]daß trotz alle dem Bewußtsein, in "R e i n h e i t" betrachtet, als ein für sich g e s c h l o s s e n e r S e i n s z u s a m m e n h a n g zu gelten hat, als ein Zusammenhang a b s o l u t e n S e i n s, i n den nichts hineindringen und aus dem nichts entschlüpfen kann [...]” (HUA III/I, § 49) Na tradução brasileira de Márcio Suzuki a palavra “hineindringen” foi traduzida por concatenação, preferiu-se traduzir por relação.

Para o filósofo russo Jan Patočka o primeiro estágio da redução fenomenológica se apresenta como “[...] a ideia de uma crítica do conhecimento e da Filosofia como esta crítica.” (1997, p. 89) Trata-se de pensar a Filosofia como ciência primeira e base fundante para as outras ciências, logo ela tem um papel diferente do “conhecimento objetivo” com diz Patočka (1997, p.89). Este destaque da Filosofia diante de todas as ciências empíricas e psicológicas faz da redução o meio de acesso ao plano da consciência transcendental. Por esse meio Husserl pretende que a Fenomenologia assuma o papel de Filosofia primeira doadora de fundamento a todas as outras ciências. A redução é a porta de entrada para a fenomenologia, mas também a segurança para um fazer científico mais profundo.

A partir dessa prévia definição de redução fenomenológica como método de suspender o juízo do conhecimento e das ciências entende-se como consequência a abertura do campo instaurador da consciência, esta como *pura imanência*. (PATOČKA, 1997) Contudo, a consciência intencional fenomenológica requer uma quebra da dicotomia sujeito e objeto, isto quer dizer que a consciência não é apenas imanência estagnada, mas uma transcendência na imanência. Para compreender essa relação de reciprocidade intencional e direta entre transcendência de uma vivência noemática e imanência de uma vivência noética, deve compreender que o Eu puro de Husserl é essa relação de toda subjetividade para toda objetividade, ou melhor, a relação entre o sentido (essências) da consciência pensada como transcendência na imanência. Patočka mostra que a transição para um segundo estágio da redução fenomenológica perpassa a ideia de investigar a “gênese da transcendência na imanência”. (1997, p. 91) Passa-se ao novo modo de pensar a relação consciência e mundo, qual seja, a relação intencional fenomenológica.

A investigação da gênese da transcendência na imanência necessita de uma passagem da imanência real à imanência pura, ou seja, à consciência pura. A imanência real como explica Patočka é “[...] uma imanência do objeto no sujeito que é ela mesma uma realidade entre outras realidades do mundo.” (1997, p. 90) Logo, ao passar pela redução fenomenológica referente ao conhecimento, e como melhor explica os autores Bernet; Kern; Marbach (1993, p. 66), a redução tem seu *caminho cartesiano*. Este termo não signifi-

ca que Husserl reproduziu *ipsis litteris* o método da dúvida usado por Descartes, mas que Husserl fez uma releitura fenomenológica, uma adaptação do método. Este passa a ser usado como meio de evidenciar a diferença entre conhecimento sujeito-objeto da atitude natural (real-físico-psíquico) para uma atitude fenomenológica. No segundo estágio se apresenta a passagem de uma exclusão do real transcendente (fenômeno objetivo) à suspensão de todo real transcendente. E do mesmo modo ocorre com a subjetividade fundada psicologicamente, a qual Husserl entende como consciência real e, portanto, deve ser colocada entre parênteses, assim como toda consciência da filosofia moderna com base no psicologismo¹⁰.

Qual é o segundo estágio da redução conforme Patočka? É a pesquisa das essências (*Wesen* ou *Eidos*) que está aberta a partir desses níveis de reduções, ou com as palavras de Husserl “método das reduções fenomenológica” (HUSSERL, 1976, p. 5). Para evidenciar a tarefa do segundo estágio da redução, Patočka diz: “[...] depois da redução fenomenológica, um puro fenômeno não é outra coisa senão *uma doação absoluta do eidos imanente* do fenômeno psicológico.” (1997, p. 92) Para melhor explica esta passagem, há a necessidade de mudar o olhar intencional para com o mundo, aqui a relação intencional fenomenológica exige um olhar ontológico e transcendental da consciência, ou melhor, do campo de estudos intencionais abertos com a redução. A fenomenologia apresentada na obra *Ideias I* já define a si mesma como ciência descritiva de essências.

Do segundo estágio da redução que é o caminho ontológico para pensar as essências, automaticamente insere-se a questão da gênese da consciência pensada como transcendência na imanência. Nesse passo é preciso pensar nos conceitos de constituição, gênese passiva e ativa e autorreflexão através da consciência temporal. Estes são os níveis mais elevados e profundos aos quais pode alcançar o método da redução fenomenológica. Para Bernet; Kern; Marbach o caminho ontológico seria compreender a consciência como: “O *a priori* da subjetividade’ ou o ‘*a priori* da constituição feno-

¹⁰ Não cabe neste momento entrar na definição aprofundada da questão do psicologismo, apenas indica-se a obra *Investigações Lógicas*, desde os seus, *Prolegômenos à Lógica pura*, como fonte de distinção e definição do que seria o psicologismo e do combate feito por Husserl para retirar a base psicológica da sua lógica pura, e, portanto, de sua compreensão de consciência e de fenomenologia.

menológica [...]”. (1993, p. 70). A constituição é tema inserido no terceiro estágio da redução para Patočka, isto indica dizer conforme suas palavras que:

[...] A ideia de constituição significa essencialmente que a transcendência da autodoação é compatível como a imanência real (*reell*) da eidética natural da experiência vivida, que neste respeito pode também ser considerada um reino da imanência, a transcendência na imanência.

Esta imanência real que se constitui na consciência fenomenológica é tratada no segundo livro das *Ideias*, que pretende descrever a constituição do mundo na imanência da consciência. A teoria da constituição objetiva superar a dicotomia do sujeito e objeto, antes ela ambiciona destacar uma nova forma de pensar o objeto, não através de uma objetificação do mundo, mas de um modo que nem sujeito e nem objeto tenham um valor de superioridade na relação do conhecimento e da fundação de uma ciência universal, mas que essa relação intencional possa ser de simetria e doação mútua.

Deve-se entender esse estágio da redução fenomenológica como a busca da gênese da consciência em sua autodoação absoluta. Patočka diz: “A gênese da transcendência se refere as formas, os graus, e as variedades de objetividades transcendentais, levando um ao outro, passo a passo, em vez de componentes reais que formam a transcendência.” (1997, p. 96) Logo, falar do mundo enquanto fenômeno é falar do significado (essência) do fenômeno mundo em sua relação intencional, ou como dirá Sartre é falar da fenomenalidade do fenômeno, o fenômeno de ser. Como ele diz: “O fenômeno de ser exige a transfenomenalidade do ser.” (SARTRE, 1943, p. 16). Isto tudo mostra como a intencionalidade e a redução fenomenológica de Husserl proporcionaram uma abertura de pensamento e um salto da relação dicotômica ao âmbito ontológico-fenomenológico da vida consciente.

O próprio Sartre reconhece a importância da redução para a tradição posterior e sua própria filosofia. Ele diz: “[...] Husserl mostrou como é sempre possível uma redução eidética, quer dizer, como sempre podemos ultrapassar o fenômeno concreto até sua essência [...]”. (SARTRE, 1943, p. 14-15). A objeção clássica à redução diz que a redução eidética não nega o mundo, como faz a redução em suas divisões fenomenológica e transcendental. Porém, o próprio Sartre diz: “Husserl define precisamente a cons-

ciência como uma transcendência. De fato: isto é o que ele diz, esta é sua descoberta essencial.” (1943, p. 28). Dessa afirmativa de Sartre e da crítica à fenomenologia transcendental elaborada e repetida na tradição dos fenomenólogos, pergunta-se com Benoist: “[...] realmente não há fenomenologia sem redução; mas esta deve ser transcendental?” (1997, p. 229) A via da redução fenomenológica é mesmo tão absurda e contrária ao projeto husserliano de uma ciência descritiva de essências, já exposto nas *Investigações Lógicas*? Apesar do tom crítico de Benoist nessa passagem de seu livro, ao afirmar a fenomenologia como um dar um sentido metafísico ao mundo, ainda permanece a dúvida acerca da uniformidade do projeto husserliano transcendental imposta por esse mesmo comentador quando aproxima o idealismo das LU com as Ideias.

A fenomenologia husserliana aprofunda o método da redução, o deixa claro, evidencia e utiliza-o como forma de se distanciar da metafísica clássica, mas também como forma de apontar ao campo instaurador de sentido (das essências). Ele busca nos deixar cara a cara com o fenômeno, mas não de forma ingênua, ele quer que o fenomenólogo tenha essa capacidade de mudança de olhar, mudança possibilitadora de um intuir imediato (*Wesschaung*) da *unidade ideal de sentido*¹¹, o significado último do fenômeno, ou melhor, o significado último da relação intencional descrita como transcendência na imanência.

Para finalizar esta breve e reduzida análise histórica dos herdeiros da tradição fenomenológica com a comparação da fenomenologia de Husserl, resta ainda evidenciar que, apesar de todas as críticas, de refutações de vários mestres da tradição fenomenológica, todo esse percurso não seria possível sem a audácia e enfrentamento do problema metafísico do sujeito realizado por Edmund Husserl, e de sua persistência em avançar cada vez mais, e um pouco mais, ao caminho difícil de um pensar inaugurador e fundante. A maioria do pensamento husserliano se espelha nas grandes discussões dos filósofos herdeiros produzidas depois da anunciação da Fenomenologia. Certamente, essa discussão tem muito mais desdobramentos, com outros pensadores ainda não abordados, mas infinita é a tarefa da

¹¹ Termo utilizado nas *Investigações Lógicas*.

fenomenologia, o que nos permite retornar sempre mais uma vez a essa discussão com novos perfis interpretativos.

Recebido em 29/06/2023

Aprovado em 14/07/2023

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. 5ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, Pedro M. S. Apresentação da tradução portuguesa in: HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas*. Segundo volume, parte 1: Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Lisboa: Phainomenon, 2007.

BENOIST, Jocelyn. *Phénoménologie, sémantique, ontologie. Husserl et la tradition logique autrichienne*. Paris: Press Universitaires de France, 1997.

BERNET, Rodolf; KERN, Iso; MARBACH, Eduard. *An introduction to husserliana phenomenology*. Illinois: Northwestern University Press, 1993.

BIEMEL, Walter. Introdução do editor alemã in: HUSSERL, Edmund. *A ideia da fenomenologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.

GADAMER, Hans-Georg. *El movimiento fenomenológico*. Madrid: Editora Síntesis, 2016.

HEIDEGGER, Martin. *Conferências e escritos filosóficos*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante. Petrópolis, RJ; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2020.

HUSSERL, Edmund. *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*. Erstes Buch: Allgemeine Einführung in die reine Phänomenologie. 1. Halbband: Text der 1.3. Auflage. Edited by Karl Schuhmann. Hua III1. The Hague: Martinus Nijhoff, 1976.

HUSSERL, Edmund. *Idées directrices pour une phénoménologie et pour une philosophie phénoménologique*. Tradução de Paul Ricoeur. Paris: Gallimard, 1950.

HUSSERL, Edmund. *Idées directrices pour une phénoménologie et une philosophie phénoménologique pures. Livre troisième. La phénoménologie et les fondements des sciences*. Paris: Presses universitaires de France, 1993.

HUSSERL, Edmund. *Idéias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura*. Tradução de Márcio Suzuki. Aparecida (SP): Idéias e Letras. 2006.

HUSSERL, Edmund. *Investigações lógicas: prolegômenos à lógica pura: volume 1*. Tradução Diogo Ferrer. 1. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2014.

HUSSERL, Edmund. *Investigações Lógicas*. Segundo volume, parte 1: Investigações para a fenomenologia e a teoria do conhecimento. Lisboa: Phainomenon, 2007.

HUSSERL, Edmund. *Logische Untersuchungen. Zweiter Band: Untersuchungen zur*

Phänomenologie und Theorie der Erkenntnis. Den Haag, Netherlands: Martinus Nijhoff, 1984.

PATOČKA, Jan. *An introduction to Husserl's phenomenology*. Chicago: Open Court Publishing Company, 1996.

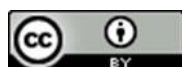
SARTRE, Jean-Paul. *A imaginação*. In: Coleção Os pensadores. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

SARTRE, Jean-Paul. *L'être et le néant. Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada – ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SOKOLOWSKI. *Introdução à Fenomenologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

VÁSQUEZ, Manuel E. Prólogo a la edición española in: LEVINAS, E. Descubriendo la existencia com Husserl y Heidegger. Madrid: Editorial Síntesis, 2005.



Esta obra está licenciada com uma Licença
Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.